

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO TECNOLÓGICA

Francisco Romulo Feitosa Moraes¹ - URCA

romuloforaes@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como tema educação e formação tecnológica e seu objetivo é discutir como a globalização nos coloca um grande desafio de aprender a aprender e reaprender um novo modo de pensar e nos qualificar para o trabalho, foi feito através de pesquisa qualitativa foram pesquisados autores como Speller, Borl e Meneghel (2012), Freire (2014), entre outros. A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) veio para formar e direcionar indivíduos para uma função, além de oferecer apenas conteúdos focados na profissão de cada estudante e em menos tempo do que a Educação Superior (ES) comum, que com o processo conhecido como a sociedade do conhecimento enfrenta um grande desafio, o de formar sujeitos para a autonomia e a solidariedade mundial e que não sejam individualistas nem imediatistas. E para isso é sempre necessário que os educadores busquem a formação continuada para fazer com que as pessoas sejam mais participantes da democracia política e econômica do país.

Palavras – Chave: Educação Superior. Formação Tecnológica. Formação Continuada.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir sobre o grande desafio que a globalização nos coloca de aprender e reaprender uma nova concepção, novo modo de pensar e nos qualificar para o mundo do trabalho, sendo que sem o uso racional das tecnologias de comunicação dificilmente se constrói uma proposta pedagógica que atenda essas novas exigências.

Nos dias de hoje, educar não é ensinar as pessoas a realizarem tarefas, é formar personalidades e estas se formam de acordo com as experiências vividas por cada sujeito. Um dos grandes problemas da educação no Brasil é que profissionais de áreas diversas também atuam como professores, mesmo sem nenhuma qualificação pedagógica, Esse é um dos fatores que contribuem para a desvalorização da classe dos professores.

No primeiro tópico destaca-se alguns pontos importantes sobre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) na Educação do Brasil. Já no segundo tópico o assunto é educação superior e trabalho, onde discorro sobre os tipos de Sociedades que se tornaram e/ou são paradigmas, o desemprego tecnológico, a importância da formação tecnológica e por último no terceiro tópico apresenta-se um apanhado sobre a sociedade do trabalho e o

¹Licenciado em Ciências Matemática, Especialista em Psicologia Aplicada à Educação e em Ensino de Matemática e Física, Mestrando em Educação Anne Sullivan University.

processo conhecido como sociedade do conhecimento, por último no quarto capítulo trata-se sobre a globalização e sua influência na educação superior.

2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA BRASILEIRA

A Educação Superior Brasileira se caracteriza pela situação das condições da população em relação à sua escolaridade. Sendo que o governo do país vem implementando políticas para a ampliação das redes de ensino. Segundo o INEP (Instituto Educacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) que coleta os dados sobre a educação superior para oferecer à comunidade acadêmica e à sociedade em geral informações detalhadas sobre a situação, no ano de 2012, em quase todas as regiões do país, o percentual de pessoas na faixa etária de 18 a 24 anos que já concluíram ou frequentam o ensino superior é menor do que a faixa de 25 a 34 anos. Isso mostra que muitas pessoas estão na Educação Superior fora da faixa etária ideal, que seria entre 18 e 24 anos. O que resulta em desqualificação das pessoas para o mercado de trabalho e consequentemente o desemprego.

No âmbito da educação tecnológica (ET), o mais importante a ser feito em sala de aula é usar os recursos tecnológicos num diálogo com os indivíduos. Geralmente nas universidades as tecnologias são percebidas apenas como objetos que podem facilitar o cotidiano. De acordo com Oliveira (s.d., p. 2) “[...] estudos apontam que é na condição de ‘coisa’ que a tecnologia é apresentada para grande parte da sociedade.” E, ainda segundo o autor, “No contexto escolar, a concepção de tecnologia enquanto processo de construção ainda parece ser um saber hermético.”

Percebe-se que para alguns educadores a tecnologia se caracteriza apenas como instrumentos facilitadores para suas aulas, outros professores não se sentem capazes ou capacitados para utilizar qualquer recurso que seja, e, na maioria dos casos, não conseguem perceber o quanto os processos tecnológicos estão presentes na escola e como isso pode ajudar no processo de ensino e de aprendizagem. O que acaba defasando e retardando esse processo.

Em Pedagogia da Autonomia, Freire (2014, p. 25) afirma que, “[...]quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.”

Cada indivíduo, mesmo nas séries iniciais já vem para escola com um certo saber que, de acordo com as interações com seus colegas e professores provocam o seu desenvolvimento. O fato de o sujeito ensinar não significa que ele sabe de tudo e que não precisa das trocas de experiências que o diálogo permite. Através dessa interação quem ensina acaba aprendendo e quem aprendo também ensina, de modo que para um acontecer o outro obrigatoriamente precisa acontecer, não há ensinamento sem aprendizado e não há aprendizado sem ensinamento. Na universidade, essas tecnologias ainda são compreendidas apenas como objetos que podem facilitar o cotidiano.

Sendo assim, a formação continuada é tão importante para os profissionais da educação, pois a cada experiência vivenciada o sujeito torna-se mais competente. Como educadores devemos conhecer as várias e diferentes condições da prática para tornar o nosso desempenho em sala de aula mais firme, livre de receios. Deve-se ter também a noção de que indivíduos adultos tem o direito de aceitar ou não o processo de mudança proposto. E jamais nos omitir em relação à qualquer postura, seja ela política, cultural, etc., pois quando afirmamos essa preferência estamos mostrando aos alunos que eles têm o poder e o dever de fazer sua escolha.

Bastos (2000, p. 38), afirma que “os sujeitos competentes não são aqueles que apenas sabem aplicar técnicas, mas que adquirem, pelo contato com os artefatos, a capacidade de entender o mundo e a sociedade tecnológica em que vivemos”. Entendo que a competência é uma característica do indivíduo que se propõe a vivenciar certo aprendizado repetidas vezes, sempre buscando conhecer cada vez mais o objeto de estudo. A tecnologia é uma produção humana, dessa forma elas provocam o desenvolvimento desses indivíduos e o modo como interagem com o mundo.

Ainda, Freire (2014), garante que:

A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de ‘tomar distância’ do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindí-lo, de ‘cercar’ o objeto ou fazer sua **aproximação** metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. (p. 83)

O professor é o responsável por aguçar a curiosidade do aluno, para que ele pergunte e para que haja uma reflexão sobre a pergunta no sentido de mostrar o que se pretende com essas questões. Sendo que, para entender o real significado do objeto de estudo é necessário agir tal como Freire acima nos ensina, observá-lo por outro ângulo e buscar compreender quais os motivos e as razões de ser.

Essa tarefa se estende também ao nível da Educação Superior, contudo, os cursos de Licenciatura e de Pedagogia não preparam os professores como deveriam. E a formação tecnológica é uma das opções para quem quer estudar em menos tempo e ter qualificação para exercer uma profissão, já que muitas das vagas de empregos ainda estão sendo ocupadas por pessoas sem qualificação.

A LDB dedica um capítulo inteiro para a Educação Profissional (EP) com o objetivo de modernizar a educação profissional no país para que os estudantes possam entrar no mercado de trabalho com menos dificuldades. No seu artigo 39, ela diz que: “A educação profissional e tecnológica, no cumprimento de seus objetivos da educação nacional, integra-se os diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.”

Percebe-se que esses cursos preparam os alunos para o mercado de trabalho, integrando em sua grade curricular a teoria e a prática voltados para essa capacitação profissional. Além de ser uma modalidade de ensino que incentiva o desenvolvimento humano na economia brasileira.

3 SOCIEDADE DO TRABALHO X SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

A sociedade do trabalho está intrinsecamente ligada à sociedade industrial ou ao capitalismo industrial em que a indústria se caracteriza como o processo de produção e o trabalhador assalariado é o responsável pelo processo de transformação da natureza em que, respectivamente, compram e vendem a mercadoria força de trabalho. Dessa forma, essa sociedade que antes seguia os princípios norteadores do fordismo e do taylorismo, que valorizava o processo de produção, hoje deu lugar à prestação de serviços.

Segundo Josué Pereira da Silva (s.d.), em seu artigo “A crise da sociedade do trabalho em debate”, discursa sobre a estratégia proposta por Daniel Bell ao dizer que “[...] pode-se conceber dois diferentes esquemas de desenvolvimento social: pré-industrial, industrial, pós-industrial, se se adota o critério da tecnologia; ou feudal, capitalista, socialista, se o critério adotado for o das relações de propriedade.”

Adotarei aqui apenas o critério da tecnologia que ordena cuidadosamente um conceito de sociedade pré-industrial, onde a tecnologia mecânica é usada para fabricação de bens manufaturados e seu foco é nas atividades agrícolas e extrativas, que evolui para o industrial, onde as principais características estruturais são o capital e o trabalho, mas ainda se usa a

tecnologia mecânica, em sentido contrário com a sociedade pós-industrial, baseada na tecnologia intelectual, onde a informação e o conhecimento são as principais características estruturais.

Segundo Silva (2004), Daniel Bell diz que a sociedade pós-industrial não substitui a sociedade industrial, porém ele

[...] chama atenção para as novas dimensões que caracterizam a sociedade pós-industrial. Entre essas novas dimensões ele destaca duas: a centralidade do conhecimento teórico, que se tornou a base das inovações tecnológicas; e a expansão do setor de serviços, sobretudo pelo incremento de serviços humanos (saúde, educação e serviços sociais) e de serviços profissionais e técnicos (pesquisa, consultoria, computadores e análise de sistemas). Mas entre as mudanças a que Bell se refere há uma que nos interessa mais diretamente: a mudança na natureza do trabalho. [...] na sociedade industrial o trabalho é um jogo contra a natureza, na sociedade pós-industrial a natureza é excluída e o trabalho passa a ser um jogo entre pessoas (p. 6-7).

Hoje a informação e o conhecimento são fundamentais na produção, comercialização e na gestão de empresas. Eles representam a principal mercadoria e são símbolo de riqueza e de patrimônio. O conhecimento é considerado por Menino (2014, p. 25) como “principal fator de produção” que sempre foi e sempre será um fator importantíssimo no desenvolvimento de qualquer atividade humana. Com a evolução tecnológica a produção individual tornou-se uma produção em massa de mercadorias. Porém, as pessoas ainda esperam alguém que lhes mostre um caminho e, o professor precisa apresentar-lhes o que a educação superior oferece. E é a formação tecnológica que pode fazer com que os indivíduos se desenvolvam economicamente e se tornem de fato membros da sociedade do conhecimento.

O processo conhecido como Sociedade do Conhecimento é responsável por mudanças significativas na economia e nas sociedades do mundo, utilizando e disseminando a inovação tecnológica. Provocando, assim, a competitividade. Nesse processo, os jovens da nova geração se preocupam apenas com o que acontece hoje, agora, e não dão tanta importância ao futuro com nas gerações anteriores. Talvez por esse motivo, existem tantas dúvidas e erros quando o assunto é a tomada de decisões.

Para Loureiro (2005),

No capitalismo avançado, com a automação do trabalho não é mais necessário reprimir os indivíduos para que trabalhem, tal como era preciso numa sociedade de escassez. Essa era a hipótese de Freud sobre a qual se assentava a idéia de que a civilização exige a repressão das pulsões, exige

que o “princípio de prazer” se subordine ao “princípio de realidade”. [...] Assim sendo, numa sociedade em que o trabalho manual é crescentemente substituído por máquinas, Eros pode libertar-se, a energia pulsional antes canalizada para o trabalho pode dirigir-se para outros fins. (p. 12)

Acredito que quando o capitalismo tiver fim, em um futuro não tão distante, a sociedade do trabalho tornar-se-á a sociedade da automação, e a prestação de serviços tomará o lugar da produção de bens, transformando toda a estrutura das sociedades que conhecemos. Estamos vivendo o início do fim da sociedade do trabalho, em não mais que um século, esta poderá e provavelmente será a realidade mundial, o que acarretará, entre tantas outras coisas, no desemprego de milhões.

A autora se refere ao homem como “um pulsão de vida”, que busca a satisfação do prazer, da sexualidade e do amor. Unificando o indivíduo conhecido como Logos, a razão, e o indivíduo conhecido como Eros, o amor. Propondo uma racionalidade sensível frente a racionalidade industrial que vivemos, em que o trabalho venha acompanhado da capacidade de sentir prazer. Assim, a vida social propiciaria o pleno desenvolvimento do indivíduo onde este é capaz de modelar a realidade através da sua imaginação.

Para Menino (2004), “[...] no atual processo, os ganhos de eficiência individuais na informatização e automação estão gerando índices de produtividade superiores aos índices do crescimento da economia, portanto eliminando postos de trabalho sem absorção de nova mão-de-obra: *o desemprego tecnológico*”. (p. 15)

Percebemos que, nesse caso, o desemprego é resultado da nossa tentativa de economizar mão-de-obra. Sem deixar de mencionar os jovens que ingressam constantemente no mercado de trabalho, aumentando a concorrência por um número de vagas que fica cada vez menor. Eles tornam-se profissionais mais responsáveis para a tomada de decisões que antes necessitava que um superior o fizesse. Esses empregos elevam a renda nacional, mas, podem levar também a exclusão, se essas inovações tecnológicas não forem difundidas nos outros setores da economia. No entanto, a educação ainda é muito importante para as pessoas que almejam elevar-se pessoal e profissionalmente mesmo sabendo que na maioria das vezes os próprios educadores não participam das discussões sobre educação.

4 GLOBALIZAÇÃO

No livro *Desafios e Perspectivas da Educação Superior Brasileira para a Próxima Década 2011-2020*, Dias afirma que:

Em tempos de globalização, quando a sociedade do conhecimento se tornar uma realidade, um dos grandes problemas, com respeito às inovações, mudanças e reformas, é a tendência a cópia de modelos, que, no mais das vezes, nada ou muito pouco têm a ver com o entorno das instituições. Em tempos de globalização, quando a sociedade do conhecimento se tornar uma realidade, um dos grandes problemas, com respeito às inovações, mudanças e reformas, é a tendência a cópia de modelos, que, no mais das vezes, nada ou muito pouco têm a ver com o entorno das instituições. (2012, p. 48)

Entende-se que para o Brasil mudar e se transformar em um país melhor para todos de verdade, há a necessidade de que se implemente modelos educacionais que se adequem a realidade em que sua população vive e que evite a cópia, na maioria das vezes fracassada, de modelos de países desenvolvidos onde a situação é totalmente diferente.

Outro problema é o investimento público em educação no país, que vem diminuindo, frente a grande necessidade de profissionais capacitados pra as empresas, fazendo o ensino privado suprir essa falha e se expandir cada vez mais. Por esse motivo, as pessoas estão buscando melhores condições de vida e crescimento profissional em outros países. Isso faz com que os mais ricos se fortaleçam industrialmente através de pessoas vindas de países mais pobres que, transferem os benefícios de 20 anos de formação acadêmica.

Segundo Sobrinho (2005)

A globalização não é simplesmente a continuação da internacionalização tradicional. Trata-se de um fenômeno muito mais complexo e plurirreferencial. Imbricadas às distintas visões de educação e de sociedade, que aliás nunca se apresentam em estados puros, tampouco neutros e olímpicos, idéias divergentes marcam as posturas e concepções relativas à globalização. Embora não de modo absolutamente consensual, predominam hoje os julgamentos de que a universidade deve motorizar as transformações exigidas pela nova economia de mercado. Mas também cabe à universidade – e esta é uma bandeira histórica, essencial e indescartável – elaborar uma compreensão ampla e fundamentada relativamente às finalidades e transformações da sociedade. (p. 2)

Sendo assim, a universidade e a sociedade têm muitos problemas em comum relativos a globalização, mas se a universidade não compreender que não pode seguir rigorosamente os objetivos da sociedade, e, que precisa tomar uma certa distância dela para não deixar de formar indivíduos mais autônomos, vai se desfigurar totalmente, fazendo com que toda a sociedade empobreça.

A globalização influencia muito mais a educação superior dos países industrialmente mais desenvolvidos do que dos outros em que a produção de conhecimentos sofreu uma mudança caracterizada pela passagem de ciência básica para aplicação e controle do conhecimento e, o acúmulo de conhecimentos no último quinquênio vem aumentando exponencialmente.

É certo que não podemos negar todos os benefícios que ela trouxe, como a comunicação a distância, mobilidade, cura para doenças, enfim, são vários, porém, ela aumentou a distância e as diferenças entre pobres e ricos, a dívida de países menos desenvolvidos, entre tantas outras coisas. Em alguns destes, a educação foi incluída como serviço na OMC (Organização Mundial do Comércio), incentivando assim, a competitividade, exatamente o que busca a Educação Superior atual em vários países. Nos Estados Unidos, por exemplo, o termo *Education Industry (Educação Industrial)* é muito utilizado, e recebe muitos investidores em empresas de educação em todos os níveis, desde o jardim de infância até os programas de doutorado, incrivelmente tem resultados positivos.

Ainda de acordo com Sobrinho (2005):

Mais da metade da humanidade está condenada às penúrias de sobreviver com menos de dois dólares por dia. Quase a metade da população mundial, ou seja, 47% dos seis bilhões de indivíduos, possuem algo como 0,0000004% (4 milionésimos por cento) do dinheiro de toda a humanidade. Por outro lado, 225 miliardários têm mais dinheiro que esses 2.800.000 indivíduos. Aos países pobres muito pouco sobra do mercado global. Mais de 80% do comércio mundial se efetuam entre os países industrializados. (p. 3)

Percebe-se que a grande maioria dos seres humanos estão vivendo na miséria, ou melhor, sobrevivendo. E isso se agrava quando levamos em consideração a divisão existente entre os que produzem e controlam o conhecimento e os que não tem condições de produzi-lo e que não podem se beneficiar dele. Vivemos o paradigma de uma educação planetária, onde “todos” os conhecimentos estão “disponíveis e acessíveis a qualquer pessoa” e a Educação Superior deve, por meio do conhecimento e da formação, responder às necessidades da sociedade formando sujeitos mais autônomos, isso requer a participação de alunos e professores.

Outro ponto a se destacar são as exigências da educação superior, hoje muito individualistas e imediatistas. Pode-se destacar isso no discurso dos professores, mestres e doutores, e em qualquer canal que tenha este como assunto em pauta. Além de a expectativa

dos “dominantes” para esse tipo de educação ser o enfoque nas características econômica e do trabalho. O poder sobre a ideia de êxito individual desse modelo de educação pode fazer alguns sujeitos alcançarem seus objetivos, contudo ele exclui muito mais e a qualidade de vida não é aprimorada. E essa exclusão acontece através da negação do acesso ao conhecimento, que representa uma objeção as condições básicas de existência, tendo em vista que o mundo depende mais e mais dos recursos e do conhecimento tecnológicos.

Assim, a educação superior assume o papel, segundo Sobrinho, de “produtora de fontes de riqueza”. Porém, não pode acreditar que isso é um privilégio, mesmo sendo ela que fundamentalmente desenvolve a sustentabilidade no país, os poderes públicos estão investindo cada vez menos nessa modalidade de ensino. E o saber que não é disponibilizado para todos e exclui a maioria dos indivíduos, pois apenas 2% da população mundial tem acesso à internet, alimentando a competitividade, onde quem determina a qualidade do conhecimento são os países ricos, e sendo assim seu acesso se resume à minoria que tem condições e oportunidades de competir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com essa pesquisa pode-se perceber que a informação e o conhecimento na sociedade atual representam uma mercadoria e muitas indústrias estão investindo nisso. A sociedade do conhecimento e sua economia estão fazendo com que as diferenças entre os indivíduos se agrave, os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres beirando a miséria ou totalmente imersos nela. Os países mais ricos determinam o tipo de conhecimento que pode circular e empurram isso para os mais pobres, que acabam acreditando em tudo que lhes é dito por não ter acesso ao mesmo conhecimento e informação.

A globalização com o caráter de mercado ampliou a competitividade para todo o mundo, contudo é necessário que exista uma globalização centrada na solidariedade, que é um dos elementos mais importantes para a cidadania. E esse deve ser o valor mais alto para a formação dos sujeitos.

A individualidade deve dar lugar para a sociabilidade, em que os espaços públicos sejam priorizados, incentivando o desenvolvimento das relações interpessoais. Assim, a Educação Superior deve formar indivíduos conhecedores e participantes da política e da economia, mediar o conhecimento e a formação para que estejam de acordo com essa

educação planetária, mas que também seja importante para a realidade de sua região e de seu país, desenvolvendo-os como direto de todos.

É um desafio e tanto fazer com que a universidade deixe de seguir o modelo de globalização de mercado e viva uma globalização para a dignidade humana, porém a humanidade existe para superar obstáculos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 6. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 43 p.

Censo da educação superior 2012: resumo técnico. – Brasília: **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014**. Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2012/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2012.pdf. Acesso em 21 de agosto de 2015.

COLOMBO, Ciliana R. & BAZZO, Walter A. **Educação Tecnológica Contextualizada, ferramenta essencial para o Desenvolvimento Social Brasileiro**. Disponível em: <http://www.oei.es/salactsi/colombo.htm>. Acesso em 21 de agosto de 2015.

DANIEL, John. **EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA NUM MUNDO GLOBALIZADO**. Brasília: UNESCO. 2003. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001298/129810porb.pdf>. Acesso em 21 de agosto de 2015.

DIAS, Marco Antonio Rodrigues. **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década** / organizado por Paulo Speller, Fabiane Robl e Stela Maria Meneghel. – Brasília: UNESCO, CNE, MEC, 2012. 164 p.

FILHO, Domingos Leite Lima & CAMPELLO, Ana Margarida de Mello Barreto. **EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA**. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/edutec.html>. Acesso em 21 de agosto de 2015.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA**. 48. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LOUREIRO, Isabel. **Herbert Marcuse – anticapitalism and emancipation**. Trans/Form/ Ação, (São Paulo), v.28(2), 2005, p.7-20.

OTRANTO, Celia Regina. **A GLOBALIZAÇÃO E A EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA**. Disponível em: http://www.celia.na-web.net/pasta1/Texto_2.pdf. Acesso em 21 de agosto de 2015.



SOBRINHO, José Dias. **Educação superior, globalização e democratização. Qual universidade?** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782005000100014&script=sci_arttext. Acesso em 21 de agosto de 2015.

SOUZA, Michel Aires de. **MARCUSE E O FIM DA SOCIEDAD DO TRABALHO.** Disponível em: <https://filosofonet.wordpress.com/2007/09/25/marcuse-e-o-fim-da-sociedade-do-trabalho/>. Acesso em 21 de agosto de 2015.

SPELLER, Paulo, ROBL, Fabiane & MENEGHEL Stela Maria. **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década.** Brasília: UNESCO, CNE, MEC, 2012. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002189/218964POR.pdf>. Acesso em 21 de agosto de 2015.